



GILBERTA BENSABATH

Habib Fraiha Neto

Saudação na sessão solene de outorga  
do título de Membro Honorário da AMP  
Belém, 29/06/2016

Gilberta Bensabath nasceu em Cruzeiro do Sul, no então Território do Acre, em 30 de julho de 1924. Aos cinco anos de idade transferiu-se com a família para Belém do Pará, pois sua genitora carecia de melhor assistência médica. Aqui fez o curso primário no Grupo Escolar José Veríssimo e o secundário no Colégio Estadual Paes de Carvalho.

Cursou Medicina em nossa tradicional Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, graduando-se em dezembro de 1949. Foi colega de turma de Canuto Brandão, Ernesto Gondim Leitão, Héber Monção, Henrique Sandres, Leopoldo Costa, Lindolfo Ayres, Maria da Graça da Silva Ferreira, Mário Teixeira, Octávio Cascaes, Raimundo Libório, Oriente Vasconcellos, Rainero Maroja, Sebastião Fayal e outros quatro menos conhecidos. Alunos de grandes nomes, como Acylino de Leão, Gastão Vieira, Jayme Aben-Athar, Orlando Rodrigues da Costa, José Rodrigues da Silveira Netto, Lauro Magalhães, Oscar Pereira de Miranda e José Alves Dias Junior.

Recém-formada, logo foi admitida como médica do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), e nessa condição enviada a São Paulo para fazer o Curso Normal de Higiene e Saúde Pública na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP durante todo o ano de 1950, onde foi discípula de Ayroza Galvão e Oswaldo Forattini, conquistando o título de Médica Sanitarista.

De volta ao Pará, foi médica do SESP em Alenquer, município do interior paraense situado na Mesorregião do Baixo Amazonas,

durante três anos. Médica polivalente, dos bons tempos do SESP, atuou como clínica, pediatra, obstetra, traumatologista e até em pequenas cirurgias. Enquanto sanitarista, fez também um pouco de medicina preventiva junto a gestantes e bebês; e logrou implantar no município o sistema de abastecimento de água, inexistente quando de sua chegada. Lá, perdeu o pai, que com ela residia e lá mesmo foi sepultado.

No ano seguinte (1954), mudou-se para Igarapé-Açu, município da Mesorregião do Nordeste Paraense, microrregião Bragantina, onde haveria de permanecer como médica do SESP pelo período de cinco anos.

Em 1959 foi designada pela Fundação SESP para um Curso de Pediatria e Puericultura no Departamento Nacional da Criança, do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro, onde foi aluna do grande Nelson Moraes.

No ano seguinte, passou a integrar o grupo de médicos pesquisadores do Instituto Evandro Chagas (IEC), então ainda vinculado à Fundação SESP, designada a trabalhar na Seção de Arbovírus com o casal Ottis e Calixta Causey, onde participou de estudos pioneiros sobre a febre amarela, a febre oropouche e outras arboviroses na Amazônia Brasileira.

Durante todo o ano de 1963 foi aluna de um Curso de Especialização em Microbiologia no Instituto Nacional de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1964 iniciou seus estudos sobre a febre negra de Lábrea, endêmica na microrregião do Purus, no Estado do Amazonas, doença de acometimento familiar, de elevada letalidade, àquela altura ainda entendida como sendo talvez uma arbovirose, tão temível quanto a febre amarela em sua forma grave, hemorrágica e encefalopática, cuja etiologia permanecia não esclarecida. Estudos histopatológicos levados a efeito por Leonidas Braga Dias em 1966/67 permitiram-lhe caracterizá-la como uma hepatite, a que ele propôs a denominação de hepatite de Lábrea. Restava, porém, a dúvida: hepatite tóxica, como preferiam renomados cientistas norte-americanos, ou viral? Gilberta associou-se a Jorge Boshell, em busca de uma resposta. Pensou-se em hepatite tóxica por ingestão de aflatoxina em alimentos contaminados por *Aspegillus flavus* na farinha estocada ou na castanha-do-pará. Em pouco tempo, porém, detectou-se a presença de antígeno Austrália em casos e contatos familiares de vítimas de formas fulminantes da hepatite na bacia do Purus.

Em outubro e novembro de 1970 Gilberta esteve como pesquisadora visitante na Yale University, nos Estados Unidos, adestrando-se em técnicas de detecção do antígeno Austrália. Ali haveria de submeter 506 das 511 amostras de soro coletadas por Boshell no grande inquérito soropidemiológico por ele realizado na microrregião do Purus entre 1969 e 1970 a três técnicas distintas utilizadas na detecção do antígeno Austrália: imunodifusão, fixação de complemento e imunoeletroforese, logrando demonstrar a presença do antígeno em amostras examinadas.

Os resultados dos testes por ela realizados na Yale foram publicados em 1973 por Bensabath e Boshell, e permitiram caracterizar a região do Purus como hiperendêmica do antígeno Austrália – mais tarde reconhecido como antígeno de superfície do vírus da hepatite B, hoje mais conhecido pela sigla HBSAg. Em outras palavras, hiperendêmica de hepatite B.

Restava, porém, esclarecer a razão da alta letalidade por esta causa naquela região.

Já em 1970, ao retornar da Yale, Gilberta instalou um Laboratório de Hepatologia dentro da Seção de Epidemiologia do Instituto Evandro Chagas, onde implantaria o diagnóstico sorológico das hepatites por vírus, iniciando pela sorologia do antígeno Austrália e seu anticorpo, mas logo propiciando o estudo de todas as hepatites virais na Amazônia Brasileira.

Em 1973 fez de Altamira o primeiro município sentinela para a vigilância de hepatites virais. E, em 1975 implantou um posto de pesquisas em Sena Madureira, no Acre, iniciativa fundamental para o projeto de vigilância sentinela das hepatites virais na região do Purus.

No mesmo ano de 1975 assumiu a Direção do IEC, por um período de cinco anos, particularmente difícil do ponto de vista diplomático. Opôs-se, tenazmente, à penetração do Exército Norte-Americano na Amazônia, via USAMRU, unidade instalada dentro do IEC com propósitos veladamente estratégicos para aquele país. Em visita ao Walter Reed Army Institute of Research, de onde vieram pesquisadores americanos, aqui chegando a nos superar em número, nosso patologista Dr. Mário Moraes pôde constatar no organograma da instituição a presença do Instituto Evandro Chagas como “laboratório de campo do Walter Reed”. Enquanto um de seus comandados, posso testemunhar a bravura com que defendeu, dentro dos limites a seu alcance, os interesses de nossa soberania nacional, culminando com a retirada da unidade americana aqui

instalada, já se arvorando a decidir sobre o que deveríamos e o que não deveríamos fazer em pesquisa no instituto. Uma história até hoje não contada.

A partir de 1979 reassume a Chefia da Seção de Epidemiologia do IEC, função que exerceria até a aposentadoria compulsória em agosto de 1994. Já no início desta nova fase, implantara ela um posto avançado de pesquisas do IEC em Boca do Acre, nos rincões do Estado do Amazonas, quase divisa com o Estado do Acre, onde por mais de quinze anos coordenou estudos sistemáticos sobre a etiologia, a epidemiologia e aspectos clínicos da hepatite de Lábrea.

E não parou por aí. Tendo tido notícia de que no CDC de Atlanta (Centers for Diseases Control and Prevention) se realizava o diagnóstico de infecções pelo vírus Delta, agente da hepatite D, pleiteou e conquistou uma bolsa da Organização PanAmericana da Saúde (OPAS) para permanência de quatro meses em 1985 como pesquisadora visitante da Divisão de Hepatites a Vírus daquele órgão, com vistas ao desenvolvimento de técnicas de laboratório aplicadas ao estudo das hepatites B e Delta.

Publicou em 1987 os resultados obtidos, ratificando a importância das infecções pelo vírus da hepatite D (vírus Delta) e definindo o perfil etiológico da hepatite de Lábrea (a tal “febre negra”) e das hepatites fulminantes na Amazônia Ocidental brasileira, como decorrentes da infecção pelo vírus da hepatite B associado ao vírus Delta, da hepatite D. Este último, considerado um vírus defectivo que, para se multiplicar, necessita obrigatoriamente estar associado ao vírus da hepatite B.

Não satisfeita ainda, promoveu a partir de agosto de 1989 ambicioso programa de vacinação em massa de crianças abaixo de dez anos de idade contra a hepatite B em Boca do Acre, logrando reduzir a frequência dessas infecções a níveis residuais.

Preciso dizer ainda mais alguma coisa para justificar a razão da homenagem que hoje lhe prestamos? Creio que não. Mas não silenciarei ao dever mencionar algumas outras honrarias com que tem sido ela distinguida. Apenas as mais significativas:

Em agosto de 1972 foi agraciada com a Medalha do Saneador do Rio de Janeiro, comemorativa do Centenário de Nascimento do grande higienista brasileiro Oswaldo Gonçalves Cruz;

Em 1989, foi com muita justiça distinguida pela Câmara Municipal com o Título de Cidadã do Município de Boca do Acre;

Em abril de 1997, a Presidência da República Federativa do Brasil a nomeou detentora da Ordem do Mérito Médico, no grau de Oficial;

No ano seguinte, foi homenageada pela Fundação Nacional de Saúde como “Pioneira” no Evento Comemorativo dos 25 Anos do Programa Nacional de Imunizações ocorrido no Auditório Emílio Ribas, do Ministério da Saúde, em Brasília;

Ao completar 50 anos de formada em Medicina foi distinguida conjuntamente pela Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, pelo Conselho Regional de Medicina e pelo Sindicato dos Médicos do Pará, com uma Homenagem Especial pelos relevantes serviços prestados à Medicina do Pará em meio século de exercício profissional;

E, em dezembro de 2013, a Universidade do Estado do Pará concedeu-lhe o título de “Doutor Honoris Causa”, em reconhecimento ao valioso contributo de sua vida profissional à ciência e à saúde do povo brasileiro amazônico.

A Academia de Medicina do Pará decidiu também conferir-lhe, solenemente, o título de Membro Honorário, a que tanto faz jus. Seja muito bem-vinda, Dra. Gilberta. Este silogeu se reconhece hoje mais valorizado ainda com o seu ingresso na galeria de nomes que nos inspiram maior tenacidade na busca da realização dos nobres ideais inerentes à nossa honrosa profissão.



### ***Post scriptum***

Dra. Gilberta faleceu ao amanhecer do dia 13 de maio de 2020, aos 95 anos de idade, após uma semana de internação no Hospital Barros Barreto em Belém, vítima da pandemia de COVID-19. Perda irreparável. Paz à sua alma!



Saiba mais sobre Gilberta Bensabath

Recomendamos a leitura do depoimento autorizado de Leonidas Braga Dias, um dos mais respeitados patologistas que se dedicaram ao estudo das hepatites virais na Amazônia Brasileira, em boa hora transcrito no Noticiário do ano de 1996 no volume VII dos Anais de nossa Academia (Referência adiante).



Gilberta Bensabath



Membro Honorário

---

DIAS, L. B. Homenagem a Gilberta Bensabath. In: Instituto Evandro Chagas completa 60 anos e homenageia Gilberta Bensabath. In: Noticiário. **Anais da Academia de Medicina do Pará**, v. 7, p. 96-102, 1996.

